

1.1. Introdução

O percurso histórico demonstra que o final do século XVIII, especialmente após a Revolução Francesa, revelou um novo tipo histórico de organização da sociedade construída em torno do ente político estatal que acabou por impor-se sobre as formações institucionais políticas pretéritas, apresentando-se como uma resposta *convincente* ao desafio histórico de encontrar um equivalente funcional entre as formas de integração social pretéritas, em processo de dissolução e as emergentes em processo de construção.¹

O Estado construído a partir dos pilares estruturantes da soberania, povo e território, com o passar dos séculos, em particular o período de transição vivenciado desde o final do século XX, passa por um profundo processo de erosão das suas estruturas tradicionais, potencializado pelos crescentes conflitos identitários em constante emergência na modernidade mundo em construção.

Tais fatos demandam (re)leituras ou (re)organização não apenas com relação aos elementos estruturantes do Estado, mas, também, acerca do processo de passagem cultural vivenciado, com especial atenção para os motivos envolvidos aos conflitos identitários.

Portanto, ao iniciar a reflexão acerca do período de passagem em curso no Estado e na sociedade, importa atentar para o processo de globalização das relações humanas e institucionais que ao possibilitar a abertura cognitiva para culturas e identidades exteriores, relativizando as fronteiras entre o dentro e o fora, acabou contribuindo para o processo de (re)organização dos contornos culturais da sociedade contemporânea.

Ciente desse cenário, no qual a multiplicidade de esferas de identificação, na maioria das vezes efêmera, mas com elevado poder de captação entre os idênticos, reflete no aumento de códigos de diferenciação na sociedade, tornando o convívio societário mais complexo e com elevada expectativa conflitiva no mundo globalizado, emerge o problema central desta

¹ HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. Estudos de teoria política. 2. ed. Tradução de George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002. p. 129.

pesquisa, como realizar um correto processo de compreensão acerca da escalada dos conflitos identitários.

Para tanto, faz-se necessário analisar o processo de passagem cultural vivenciado pelo Estado e sociedade, atentando-se à multiplicidade de elementos de identificação e os efeitos globalizados decorrentes das relações sociais e institucionais. Portanto, metodologicamente, dar-se-á um recorte interdisciplinar, usufruindo das inúmeras áreas do saber envolvidas no processo de (re)organização cultural vivenciado pelo Estado e sociedade contemporâneo, no intuito de buscar compreender o aumento dos conflitos identitários.

1.2. O percurso cambiante da identidade em um contexto globalizado.

A sociedade contemporânea, moldada pelo fluxo instantâneo de comunicações em nível planetário, é resultante de um contínuo e longo processo de associação civilizatória iniciado nas sociedades tribais e marcado pelo constante processo de construção, desconstrução e reconstrução dos mecanismos de controle e das relações de poder existentes no corpo social². Ciente desse cenário, já no alvorecer do caminhar civilizatório, com o tribalismo, observou-se a existência de estruturas de poder e controle do corpo social centradas em fundamentos místicos e na necessidade biológica de preservação da espécie.

O recurso a justificativas divinas e à necessidade de proteção em face do externo, ou desconhecido, era capaz de conferir uma dupla sensação de proteção à tribo, a primeira, voltada ao interior, coibindo o desejo dos seus integrantes em buscar o conhecimento fora dos limites territoriais; e, a segunda, para o exterior mantendo uma distância entre o interno, ocultado, e o seu observador externo, gerando uma sensação de intocabilidade e de proibição.³

² CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.16-17.

³ RESTA, Eligio. **Percursos da identidade**: uma abordagem jusfilosófica. Tradução de Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Unijui, 2014. p. 33.

Referida sensação de proteção é representada, metaforicamente, por Canetti por meio dos efeitos resultantes da utilização de máscaras pelos interlocutores. A máscara é como uma fronteira impenetrável detendo o poder de fazer com que tanto o observador quanto o observado permaneçam onde estão, materializando uma rigidez da forma, potencializada pelo fato de que ela não se modifica em decorrência da proximidade física, conferindo um caráter proibitivo, de temor e de intocabilidade.⁴

A proteção artificial, extraída pela utilização da máscara, tem o poder não apenas de *esconder* a identidade interna, mas também fazer com que o externo tema desvelar o que existe atrás dela, construindo uma separação carregada de um conteúdo perigoso não cognoscível, com o qual não é possível estabelecer uma relação familiar. Enfim, a imutabilidade conduz a uma leitura do medo e da aversão ao distinto.⁵

O percurso civilizatório desde seus primórdios até a contemporaneidade foi influenciado por esse jogo de aproximação e distanciamento dos povos e suas culturas. Com efeito, a utilização de máscaras como artifícios para a proteção da identidade perante o desconhecido e a relativização do temor em ser tocado pelo outro contribuiu para a construção, desconstrução e reconstrução de novas identidades e estruturas de poder moldadas pela conjugação de elementos cognoscíveis, como também pelo medo em relação ao desconhecido.⁶

Avelãs destaca, a partir do advento da modernidade e ascensão do Estado, constata-se a utilização do ente político estatal para a consolidação dos fins capitalistas, lembra que os objetivos capitalistas sempre se mantiveram presentes no núcleo estruturante do Estado, desde sua concepção até os dias atuais; todavia, são constantemente ocultados ou disfarçados pelas máscaras vestidas pelo Estado.

O dançar constante das máscaras do Estado, narrado por Avelãs, manifesta-se novamente no final do século XX; mas, dessa vez, potencializado

⁴ CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 375.

⁵ CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 376.

⁶ RESTA, Eligio. **Percursos da identidade**: uma abordagem jusfilosófica. Tradução de Doglas Cesar Lucas. Ijuí: UNIJUÍ, 2014. p. 34-35.

pelos reflexos decorrentes do processo de globalização, que conduziu a movimentações de poder gradualmente mais dinâmicas, acelerando o processo de (re)configuração do Estado.

Por essa razão, os últimos anos são férteis no processo do dançar das máscaras, tanto que a máscara do Estado Regulador, ou Estado *fungidor*, utilizada para *justificar* a não intervenção na Economia e na seara financeira pelos Estados, logo teve que ser substituída pela do Estado Garantidor, tendo em vista a crise global iniciada em 2008⁷.

O Estado Garantidor contemporâneo é a evolução do Estado Liberal, pois, além de permitir a liberdade de circulação e exploração financeira e econômica, em termos globais, o Estado é utilizado como garantidor do sistema econômico e financeiro, culminando em um capitalismo sem riscos ou falências. Por conseguinte, o objetivo essencial do Estado Garantidor não é a prestação do serviço público, ou o interesse público, mas, sim, o lucro das empresas que prestam serviços públicos privatizados.⁸

A crítica de Avelãs às máscaras utilizadas pelo Estado para ocultar sua verdadeira identidade, demonstra que a proteção artificial ou o ocultamento oriundo da utilização das máscaras têm o poder não apenas de *esconder* a verdadeira identidade, ou finalidade, mas também fazer com que o observador tema desvelar o que existe atrás da máscara. Construindo uma separação carregada de conteúdo perigoso, não cognoscível, com o qual não é possível estabelecer uma relação familiar, por decorrência, difícil de ser criticável e compreendido.

Portanto, a abordagem acerca da identidade do Estado contemporâneo, partindo de uma leitura atenta à influência da aversão ao desconhecido ou do ocultamento da identidade resultante da utilização de máscaras, auxilia na compreensão do processo contínuo de montagem, desmontagem e remontagem do Estado e da sociedade na era global, em particular a mutabilidade dos seus elementos estruturantes, a diversidade cultural e a fluidez dos elementos de identificação no atual contexto globalizado e virtual.

⁷ NUNES, A. J. Avelãs. **O estado capitalista e as suas máscaras**. Lumen Juris, 2013. p. 225.

⁸ NUNES, A. J. Avelãs. **O estado capitalista e as suas máscaras**. Lumen Juris, 2013. p. 262.

É exatamente o contexto globalizado e os efeitos do processo de globalização, iniciado nas últimas décadas do século XX, que demandam um olhar mais profundo em relação ao processo de erosão e transição vivenciado pelo Estado e sociedade, não visto apenas como uma máscara, colocada e recolocada consoante a necessidade de gerenciamento dos estruturas de poder, mas como um fator que poderá conduzir a mudanças estruturais e culturais profundas capazes de alterar a finalidade, o espaço e a forma de agir do ente público e da sociedade.

Ciente de que o processo de transição vivenciado não representa um fenômeno inédito, pelo contrário, personifica o processo cambiante do percurso civilizatório observável desde antes do emergir do Estado ocorrido com a transição da Idade média para a moderna, onde as capacidades inseridas na sociedade, construídas pelo processo coletivo através dos tempos, englobam tanto os setores informais quanto os formais presentes em períodos pretéritos, os quais continuam a fazer-se sentir em momentos posteriores do percurso evolutivo da civilização⁹, conforme se observa da citação abaixo:

En la historia, lo 'nuevo' rara vez surge 'ex *nihilo*'. Más bien, se encuentra profundamente imbricado en el pasado, sobre todo mediante la histéresis y, como se verá más adelante, mediante una dinámica de inflexión que impide ver con claridad los vínculos con el pasado. Lo nuevo es más complejo, está más condicionado y tiene un linaje más antiguo de lo que nos da a entender las nuevas instituciones globales con su grandiosidad y sus capacidades para globalizar.¹⁰

Portanto, ao realizar uma leitura das transformações da sociedade contemporânea e do processo de erosão das estruturas do Estado-nação, deve-se ter a clareza e a compreensão de que a globalização e seus múltiplos efeitos nos elementos estruturantes do Estado não decorrem de um processo evolutivo totalmente alheio à atuação do Estado ou da sociedade.

⁹ SASSEN, Saskia. **Territorio, autoridad y derechos** – de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales. Tradução de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

¹⁰ SASSEN, Saskia. **Territorio, autoridad y derechos** – de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales. Tradução de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 21.

Os Estados, governos, e a sociedade, não são testemunhas passivas da globalização, pelo contrário, são eles que contribuem para a sua promoção e difusão¹¹. O global teve e tem o fomento de suas capacidades desenvolvidas no próprio seio do Estado Nacional, pois o processo de desnacionalização tanto dos marcos jurídicos como institucionais, pelo qual passou o Estado Nacional, no final da década de 80, iniciou o desenvolvimento das capacidades da globalização e das relações humanas e institucionais em níveis globais. Por consequência, o global não pode ser visto como decorrência de um processo vertical de imposição sobre o Estado Nacional ou como um simples rompimento de paradigmas sem a observância das particularidades do nacional.¹²

Todavia, o processo de construção, desconstrução e reconstrução da identidade, dos elementos estruturantes e da finalidade do Estado contemporâneo é influenciado pelas tensões decorrentes das disputas de poder e controle ocorridas não mais apenas no âmbito interno do Estado-nação, visto que, a cada dia, o processo de exteriorização das relações sociais e institucionais realçam o múltiplo transbordamento das fontes, fazendo-se sentir nos processos de disputa de poder e controle na sociedade.

A modificação conjuntural em curso, potencializada pelo fluível percurso das relações institucionais e sociais desencadeia um processo naturalisticamente transnacional e interdisciplinar, demandando, para uma correta leitura dos seus efeitos na modernidade-mundo, um percurso cognitivo não adstrito ao viés econômico, mas multidimensional e interligado, compreendendo as transformações em curso e a globalização em termos amplos, atentando-se aos efeitos dúplices decorrentes das relações humanas e institucionais, influenciando e sendo influenciadas pelas contínuas trocas sociais e institucionais materializadas no espaço global.¹³

A (re)leitura da identidade do Estado e sociedade contemporânea passa pela compreensão das alterações em curso e da globalização como

¹¹ ZOLO, Danilo. **Globalização um mapa dos problemas**. Tradução de Anderson V. Teixeira. São José: Conceito, 2010. p.17-18.

¹² SASSEN, S. **Territorio, autoridad y derechos** – de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales. Tradução de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Kartz Editores, 2010. p. 385.

¹³ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 29.

fenômenos múltiplos, constituídos por diversos processos: culturais, jurídicos, sociais, políticos e econômicos, os quais demandam contínuas regulações, em decorrência da internacionalização e interdependência entre os países, transnacionalização de empresas e indivíduos e liberalização de mercados e capitais.¹⁴

Ao realizar um recorte interdisciplinar ao processo cognitivo envolto à globalização e o percurso de (des)construção e (re)construção do Estado e da sociedade moderna, observa-se que a globalização, ao acelerar o processo da erosão das suas estruturas tradicionais, tornou possível o percurso em direção à (re)configuração do Estado e da sociedade diante das características da contemporaneidade.

Referido processo de reconfiguração molda-se em um ambiente fluível, atento ao constante fluxo de poder que nos últimos anos convergiu em direção ao poder econômico-financeiro e político das empresas multinacionais e das instituições financeiras, fomentando o processo de erosão dos alicerces do Estado Nacional, lapidados em torno de um pensar soberano unívoco¹⁵.

A interligação das causas e efeitos na sociedade globalizada direciona para um contexto gradualmente complexo, demandando um percurso cognitivo interdisciplinar para a compreensão do contemporâneo processo de desconstrução e reconstrução da sociedade e das instituições estatais na modernidade-mundo.

A modernidade-mundo em construção reivindica um processo cognitivo capaz de superar o paradigma cartesiano fragmentário e simplificado, urge a materialização de um processo de conhecimento ciente da complexidade crescente das relações humanas e institucionais na era da globalização, não limitadas ao viés econômico ou às barreiras territoriais dos Estados.

A complexidade exigida ao processo de conhecimento pressupõe uma compreensão do mundo de forma global, sistêmica, permitindo e fomentando as inúmeras interconexões das relações sociais, econômicas, culturais, políticas e jurídicas.

¹⁴ ARNAUD, André-Jean. **O direito entre modernidade e globalização**: lições de Filosofia do Direito e do Estado. Tradução de Patrice Charles Wuillaume. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

¹⁵ SANTOS, Boaventura Souza. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11.

A complexidade envolta ao racionalismo contemporâneo, defendida por Morin, rompe com a visão fragmentária e a simplificação do conhecimento e dos fenômenos sociais, nega o cartesianismo, a linearidade dos acontecimentos e desdobramentos. Ciente do complexo mundo dos fatos, articula termos como sentimento/razão, sujeito/objeto, interno/externo, sem a exclusão de um pelo outro, pois reconhece a importância da dualidade para a compreensão do todo.¹⁶

Ao reconhecer a importância do outro e do todo, distanciando de modelos de exclusão e de pensamentos imediatistas, torna-se factível realizar um processo cognitivo acerca das transformações em curso não a partir de pensamentos de cisão, mas de (re)leituras cientes da continuidade do percurso de formação cognitiva da sociedade contemporânea, adentrando, inclusive, na seara metodológica.

Partindo de metodologias transdisciplinares, caracterizadas por esquemas cognitivos que atravessam as áreas de saber, superando o universo fechado da ciência jurídica e tornando possível trazer à tona a multiplicidade de centros de saber e modos de produção cognitivos¹⁷, fomenta-se a constante troca de informações entre as diversas áreas do saber no objetivo finalístico de melhor compreender as modificações em curso.

O estudo do processo de desmontagem ou erosão do Estado e da sociedade moderna e sua (re)montagem na modernidade-mundo passa por um cenário marcado pela complexidade e universalidade, resultante das relações sociais e institucionais vivenciadas.

O recorte transdisciplinar evidencia que é preciso aprender a contextualizar, a globalizar, a problematizar e a relacionar os acontecimentos por meio de um processo de constante e mútuas (re)organizações, apto a promover e superar as fronteiras sem descuidar dos conhecimentos dela resultantes¹⁸. Portanto, a compreensão do processo de erosão e a

¹⁶ MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis de. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000. p. 211-212.

¹⁷ MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. Tradução de Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawajapg. São Paulo: Cortez, 2013. p. 49.

¹⁸ MARTINAZZO, Celso José. **O pensamento complexo e as implicações da transdisciplinaridade para a práxis pedagógica**. Disponível em:

(re)organização do Estado e da sociedade passa pelo estudo complexo e transdisciplinar da passagem cultural em curso, justificando sua análise a seguir.

3. A passagem cultural e a crise dos elementos simbólicos de identificação.

O repensar dos paradigmas estruturantes do Estado e da sociedade em curso oferta a possibilidade-necessidade da realização de um processo cognitivo atento ao percurso histórico do ente político e da humanidade, caracterizados pela constante latência e (re)leituras ou transformações moldadas consoante as disputas de poder e controle ocorridas durante o percurso civilizatório, as quais, nos últimos anos, demandaram profundas mudanças na estrutura e na forma de agir do Estado e da sociedade.

Ciente desse fecundo cenário, inicia-se o estudo da (re)configuração do Estado e da sociedade na modernidade-mundo pelas modificações ocorridas na esfera cultural e a conseqüente expansão dos conflitos identitários vivenciados nas últimas décadas, fomentados pela exploração do desenvolvimento de tecnologias de comunicação em massa em níveis globais no intuito de buscar a homogeneidade cultural e dos fatores simbólicos de identificação.

O percurso em direção à homogeneização cultural global e a necessidade de novos elementos de identificação, resultante do vazio decorrente do enfraquecimento dos elementos estatais de identificação, ao passo que pressiona as pessoas a buscar uma cultura comum, acaba por moldar novas identidades lapidadas em um ambiente de grande tensão, marcadas pelo binômio iguais\diferentes, fazendo emergir conflitos violentos caracterizados por um profundo viés de identificação¹⁹.

O acelerado e desterritorializado processo de comunicação vivenciado, ao permitir a aproximação de pessoas com pensamentos convergentes em

<<http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3905/pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

¹⁹ MARRAMAO, Giacomo. **Pasaje a occidente**: Filosofia y globalización. Tradução de Heber Cardoso. Buenos Aires: Katz, 2006.

diversas partes do mundo, também acarreta a multiplicidade de processos de segregação, trazendo consigo inúmeros códigos de inclusão/exclusão.

O código binário amigo/inimigo ou a rivalidade resultante do modelo dos irmãos-inimigos²⁰, principal elemento de identificação/segregação entre os Estados, ganhou novos fatores de identificação, não mais territoriais, mas, agora globais. O processo de desterritorialização, de interligação planetária e instantânea, ao trazer novos elementos de identificação também conferiu importantes mecanismos para que os Estados, em particular as potências ocidentais, capitaneadas pelos Estados Unidos, impulsionassem a cruzada para concretizar sua cultura, seus fatores de identificação, em termos globais.

Observa-se, gradativamente, a exploração pelas potências ocidentais do temor ao distinto, da aversão ao desconhecido, existente desde os primórdios civilizatórios, mas que na atualidade veste a máscara do terrorismo, em que pese outrora já tenha vestido a máscara do socialismo, do absolutismo monárquico, dentre outras. A exploração da aversão ao distinto como instrumento de poder e controle da sociedade na comunidade global passou por uma nova (re)leitura, o desconhecido não representa mais aquele que nada ou pouco se sabe a respeito, sem identificação, o desconhecido da contemporaneidade veste essencialmente a roupagem do divergente, do outro, ou do terrorista.

Referida busca frenética por uma homogeneidade cultural, decorrência do projeto de massificação de culturas e estruturas em nível global, necessita da existência de um inimigo *em comum* para expandir-se e cristalizar-se. A partir da existência desse inimigo, torna-se possível iniciar uma *guerra contra ele*, capaz não apenas de conduzir os Estados, mas as pessoas a entrar em conflito com o *outro* e a pensar o código societário por meio do binômio amigo/inimigo²¹.

O estado de guerra criado, a latente e contundente necessidade de comprovar a existência de um inimigo, cada dia mais próximo e presente, é fomentado pelo poder econômico, midiático e político contemporâneo pois se

²⁰ RESTA, Eligio. **Percursos da identidade**: uma abordagem jusfilosófica. Tradução de Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Unijui, 2014. p. 25.

²¹ RESTA, Eligio. **Percursos da identidade**: uma abordagem jusfilosófica. Tradução de Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Unijui, 2014.

mostra um eficiente mecanismo de controle e manutenção dos poderes constituídos no corpo social.

Nesse contexto, o medo de perder o poder e o controle contamina seus detentores, resultando em uma verdadeira paranoia pelo poder e uma cruzada em direção à massificação dos povos e suas culturas, discorrendo a respeito Canetti lembra:

Todo aquele que escalou o caminho até o topo ou quem quer que tenha obtido o poder de controlar os demais no sistema, encontra-se pela natureza de sua posição hierárquica carregado do medo da ordem. Estando ameaçado ou não por inimigos, terá consigo sempre uma sensação de perigo e esse perigo estará nos quais ele usou de seu poder para exarar ordens e fincar os agulhões.²²

O autor vai adiante:

Para manter-se no controle, o detentor do poder declara uma guerra aos que possam voltar-se contra ele e, se necessário, mandará sua própria gente para a guerra, para que matem ou morram, e muitos de fato morrerão, mas ele não lamentará, pois o seu medo e sua paranoia de poder e controle assumiram dimensões gigantescas e catastróficas, e, antes que a catástrofe atinja seu corpo, ele irá conduzir a morte inúmeros outros.²³

Infelizmente, é a realidade global vivenciada nas últimas décadas, a necessidade de manutenção do poder e do controle do corpo social levou os governantes das potências ocidentais à paranoia pelo poder e à busca incessante pela massificação cultural, econômica e política, utilizando-se, para tanto, de mecanismos capazes de *unir*, mas, principalmente, controlar e direcionar a sociedade global consoante os seus interesses. Todavia, o processo de homogeneização imposto pelo uso da força, conjugado ao enfraquecimento dos elementos de identificação dos Estados, e a desterritorialização das relações humanas e institucionais, fomentaram a complexidade dos conflitos na sociedade, tanto que o fator econômico, outrora dominante causa dos conflitos, atualmente concorre com outros fatores, como os de natureza identitária.

²² CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 304-305.

²³ CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 470.

Observa-se a contundente utilização pelas potências do ocidente do fluxo de comunicação operacionalizado pela dinâmica global da sociedade contemporânea para fomentar uma obsessiva corrida em buscar de um modelo *standard* de modernização e *culturalização*, uma tentativa de imposição cultural por meio de um processo de assimilação *a forces*, desencadeando o ocultamento explosivo das identidades. Ocultamento que contribui para um processo bélico de montagem subterrânea, realizado dentro do território ocidental europeu, com a participação de indivíduos pertencentes a estas nações, que, nos últimos anos, emergiram a partir de conflitos identitários violentos, como aconteceu recentemente na França, Bélgica, Turquia, dentre outros.²⁴

Atento à violência intrínseca aos conflitos identitários contemporâneos, Marramao lembra: “os conflitos culturais são moldados a partir desse choque paradoxal e recíproco entre o desejo e a imposição do unívoco e a resistência do múltiplo, em uma luta constante em busca do controle”²⁵. O emergir dos conflitos identitários nos países ocidentais, além de representar uma resposta-consequência ao processo de imposição cultural, ressalta a necessidade por mais diálogo no mundo multicêntrico contemporâneo, formado por pessoas com diversas identidades, advindas das inúmeras áreas do planeta e que se inter-relacionam diariamente.

Por conseguinte, tanto o Estado como a sociedade e os mecanismos de gerenciamento das estruturas de poder e controle do corpo social no mundo globalizado são construídos, desconstruídos e reconstruídos dentro desse contexto de tensões e disputas de poder que atravessam não apenas a seara jurídico-política, mas também a econômica, social e cultural.

Não obstante, na modernidade-mundo, o canibalismo recíproco entre o universalismo hegemônico e o particularismo idiossincrático acentuou-se pelo fato de que todas as culturas ocidentais ou orientais não são apenas intrinsecamente plurais, mas essencialmente marcadas por conflitos

²⁴ Em 07 de janeiro de 2015, um ataque terrorista ao jornal satírico francês, Charlie Hebdo, resultando na morte de 12 pessoas e mais 11 feridas. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 20 de jun. 2017.

²⁵ MARRAMAIO, Giacomo. Pensar Babel. O Universal, o Múltiplo, a Diferença. Tradução de Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira e Dierle José Coelho Nunes. **Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica**, n. 7, p. 10, 2009.

identitários, advindos das fraturas decorrentes dos impulsos dinâmicos universalizantes e dos impulsos reativo-conservadores.²⁶

As novas definições geográficas resultantes da globalização, constantemente reafirmadas pelas diuturnas novidades tecnológicas no espaço da comunicação intersubjetiva, tornam paulatinamente mais clara a constatação de que a explosão conflitiva vivenciada vai além da patologia consumista. As disputas não são apenas de viés econômico, a cada dia aumentam as tensões resultantes da natureza identitária, confirmando o nexó identidade-violência envolto aos conflitos atuais²⁷.

O nexó identidade-violência e a hipercomplexidade das relações sociais vêm propiciando conflitos que não ficam mais adstritos aos desejos econômicos ou disputas de mercados, observa-se que o ambiente local e o global, diante do constante fluxo de comunicação e efeitos recíprocos, inseriram o homem em um contexto novo, um contexto glocal, levando o local, na modernidade-mundo, para um processo de desterritorialização tal como o global.²⁸

O glocal é utilizado exatamente para chamar atenção para essa nova conjuntura das relações pessoais e institucionais na era global, em particular para a *natureza* e o *tamanho* dos efeitos resultantes das disputas de poder e dos conflitos resultantes dessa conjuntura globalizante.

Originariamente utilizado no Japão para fins de *markentig*, o termo glocalização designa a interação complexa entre universalismo e particularismo, tendo em vista os resultados decorrentes da inter-relação dos impulsos globalistas e as novas formas de localismo no plano cultural²⁹. Nesse sentido, a glocalização tem por característica ser formada por dois vetores com sinais opostos: de um lado um vetor marcado por tendências sinérgicas de fluxos globais de comunicação, advindo de fatores financeiros, técnicos e

²⁶ MARRAMAO, Giacomo. Pensar Babel. O Universal, o Múltiplo, a Diferença. Tradução de Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira e Dierle José Coelho Nunes. **Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica**, n. 7, 2009.

²⁷ MARRAMAO, Giacomo. Pensar Babel. O Universal, o Múltiplo, a Diferença. Tradução de Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira e Dierle José Coelho Nunes. **Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica**, n. 7, 2009.

²⁸ MARRAMAO, Giacomo. **Pasaje a occidente: Filosofía y globalización**. Tradução de Heber Cardoso Buenos Aires: Katz, 2006. p. 40-41.

²⁹ ZOLO, Danilo. **Globalização um mapa dos problemas**. Tradução de Anderson V. Teixeira. São José: Conceito, 2010. p. 18.

econômicos; de outro, a força *alérgica*, de expulsão do local, tendo em vista os conflitos culturais existentes e as disputas de poder.³⁰

Por essa razão, o acontecimento local não pode ser percebido como um fato isolado do contexto global, imune ao fluxo dúplice de efeitos, influenciado-influenciador em dimensões globais. Os fatos humanos locais estão imersos na teia comunicativa global, cada vez mais interligada pelos constantes progressos tecnológicos.

Ciente dessa conjuntura em formação, a glocalização representa uma importante chave para entendermos os acontecimentos atuais ou, nas palavras de Foucault, *a ontologia da atualidade*, não apenas sob o viés sociológico, mas também, conforme leciona Marramao: *ma chiama in causa la nuova dimensione dell 'politico' nella costellazione postnazionale: il glo-cale*.³¹

Os efeitos resultantes das condutas do homem podem ser sentidos em diversas partes do mundo, em virtude de vivermos em uma sociedade interligada, conectada, na qual um agir local poderá desencadear inúmeras consequências em espaços territoriais distintos.

Portanto, ao passo que o global influencia o agir local, em um movimento mútuo de influência/influenciador o local também influencia no global, gerando um movimento dúplice de causa e efeito com enorme potencial multiplicador nas inúmeras esferas da sociedade, demandando um processo cognitivo atento a (re)configuração do ente político estatal e da sociedade, imersos em uma conjuntura glocalizada, para uma correta compreensão dos conflitos identitários vivenciados.

4. Conclusão

No transcorrer deste trabalho ressaltou-se o processo de (re)organização e (re)orientação do ente político e da sociedade diante do período de passagem cultural vivenciado, da não mais modernidade nação para a não ainda modernidade mundo, no qual as barreiras geográficas dos

³⁰ MARRAMAIO, Giacomo. **Pasaje a occidente**: Filosofia y globalización. Tradução de Heber Cardoso Buenos Aires: Katz, 2006. p. 38.

³¹ MARRAMAIO, Giacomo. **Contro il potere**: Filosofia e scrittura. 1. ed. Digitale. Milano: Bompiani, 2012. p. 114.

Estados, historicamente utilizadas para o processo de diferenciação e secularização, não se mostram eficazes na era global.

Emergiu o necessário repensar acerca dos mecanismos de absorção dos choques culturais, visando diminuir a violência que emergem dos conflitos identitários. Atentou-se, para o fato de que o percurso de desterritorialização do local e a imersão cultural vivenciado contribuíram para o processo de erosão do poder político unívoco do Estado-nação, possibilitando o (re)surgimento de outros centros de controle e poder.

A substituição ou relativização da solidez da modernidade-nação pela liquidez da modernidade-mundo, conjugada às incertezas inerentes aos processos de (re)organização acabaram por fomentar a sensação de insegurança entre os homens.

A aversão ao desconhecido e o medo em ser *tocado* ganharam força, fazendo com que os homens e as instituições buscassem novas formas de proteção diante da passagem em curso e do enfraquecimento político do Estado. Por consequência, antigos e novos elementos simbólicos de identificação e proteção ganharam força e começaram a ocupar o vazio simbólico deixado pela erosão dos símbolos de identificação do Estado.

A formação de uma modernidade mundo composta por múltiplas esferas de identificação, na maioria das vezes efêmera, mas com elevado poder de captação entre os idênticos, refletiu no aumento de códigos de diferenciação na sociedade, tornando o convívio societário mais complexo e com elevada expectativa conflitiva.

Referida complexidade e, por decorrência, conflituosidade aumentam na medida em que as relações pessoais e institucionais tornam-se gradativamente mais fluíveis, voláteis, resultando em um elevado coeficiente de diferenciação e potencializando as expectativas conflituosas resultantes do processo de identificação.

Constatou-se, os traços comuns de identificação, no presente mundo globalizado, mais do que nunca são compostos de diversos fatores *espúrios* de auto-identificação, gerando um cenário de multiplicidade de forças divergentes, à vista disso, potencializou os conflitos identitários cada vez mais violentos e constantes .

Por conseguinte, a endemia dos conflitos decorrentes do processo de identificação demanda, para sua compreensão e posterior (re)construção, de mecanismos capazes de gerenciá-los, entretanto antes de perguntar o que as partes querem devemos perguntar quais são as suas identidades diante do mundo globalizado e da interculturalidade vivenciada na modernidade mundo.

Concluiu-se, o aumento dos conflitos identitários oriundo das dificuldades circunscritas ao processo de identificação vivenciado personificam uma face do período de transição cultural em curso, decorrente do mundo globalizado em construção, demandando para sua compreensão um recorte interdisciplinar atento não apenas aos fatores jurídicos, mas ao conjunto de áreas dos saber envolvidas no percurso de (des)construção e (re)construção do ente político e da sociedade.

5. Referências bibliográficas.

ARNAUD, André-Jean. O direito entre modernidade e globalização: lições de Filosofia do Direito e do Estado. Tradução de Patrice Charles Wuillaume. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

CANETTI, Elias. Massa e poder. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HABERMAS, Jurgen. A inclusão do outro. Estudos de teoria política. 2. ed. Tradução de George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.

MARRAMAO, Giacomo. Contro il potere: Filosofia e Scrittura. 1. ed. Digitale. Milano: Bompiani, 2012.

MARRAMAO. Giacomo. Contro il potere: Filosofia e Scrittura. Milano: Bompiani, 2011.

MARRAMAO, Giacomo. Pasaje a occidente: Filosofia y globalización. Tradução de Heber Cardoso Buenos Aires: Katz, 2006.

MARRAMAO, Giacomo. Pensar Babel. O Universal, o Múltiplo, a Diferença. Tradução de Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira e Dierle José Coelho Nunes. Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica, n. 7, 2009.

MARTINAZZO, Celso José. O pensamento complexo e as implicações da transdisciplinaridade para a práxis pedagógica. Disponível em:

<http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3905/pdf>.

Acesso em: 15 mar. 2016.

MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. Tradução de Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawajapg. São Paulo: Cortez, 2013.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis de. A inteligência da complexidade. São Paulo: Petrópolis, 2000.

NUNES, A. J. Avelãs. O estado capitalista e as suas máscaras. Lumen Juris, 2013.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RESTA, Eligio. Percursos da identidade: uma abordagem jusfilosófica. Tradução de Doglas Cesar Lucas. Ijuí: Unijui, 2014.

SANTOS, Boaventura Souza. A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2002.

SASSEN, S. Territorio, autoridad y derechos – de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales. Tradução de María V́ictoria Rodil. Buenos Aires: Kartz Editores, 2010.

TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski. Teoria Pluriversalista do direito internacional. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZOLO, Danilo. Globalização um mapa dos problemas. Tradução de Anderson V. Teixeira. São José: Conceito, 2010.